



ENCONTRO #13

OS PROFETAS

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo, é dedicado a tratar de forma sumária um conjunto de personagens de grande relevo e importância na História da Salvação do Antigo Testamento: os profetas. O Profetismo é um elemento-chave da vida religiosa do povo de Israel. De facto, a relação de Deus com o seu povo não é somente feita através dos acontecimentos históricos, mas também pela Palavra, que Deus dirige ao seu povo, de forma cada vez mais explícita, até se fazer carne na Pessoa de Jesus de Nazaré.

2. A ORIGEM DO FENÓMENO PROFÉTICO

O profetismo parece ter tido origem, como fenómeno institucionalizado a partir do tempo de Samuel, se bem que o livro do Deuterónimo diga de Moisés que «nunca mais se levantou em Israel, um profeta igual a Moisés, o qual conhecia Deus face a face» (Dt 34,10), Os primeiros profetas apareceram no tempo imediatamente anterior à monarquia (o período dos Juízes) e desempenharam aí um papel importante.

A profecia é muito importante e está omnipresente na história do Povo de Deus, mas é, sobretudo, entre os séculos VIII e V a.C., que encontramos os grandes profetas clássicos. Nestes séculos, os profetas são como que a consciência espiritual do povo e os arautos da fidelidade à Aliança com Deus. A função dos profetas ganhou uma importância tão grande, que a ausência deles era considerada um castigo: «Dias virão em que enviarei a fome

sobre o país, não fome de pão nem sede de água, mas de escutar a Palavra de Deus. E irão errantes de um mar até outro mar, e do Norte até ao Oriente; correrão por toda a parte, buscando a Palavra do Senhor, mas não a acharão» (Am 8,11s). Pelo contrário, o aparecimento de um profeta era sinal da proteção divina: Israel esperava a vinda de um novo Elias, que havia de preceder o Messias (cf. Mt 3,1.23s).

Antes dos grandes profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel), a Bíblia refere-se a uns antecedentes, denominados filhos dos profetas. Estes personagens não eram objeto de um chamamento pessoal, mas viviam numa espécie de comunidades de profetas por escolha própria. Viviam na proximidade dos grandes santuários, como por exemplo em Betel, Ramã ou Gilgal. A sua existência deles deve remontar ao tempo dos Juízes. No tempo do profeta Samuel, existe um grupo desses profetas, que são chamados «entusiastas» (no seu verdadeiro significado: «cheios de Deus»). Muitos deles foram mandados assassinar, por serem profetas de Javé, pela rainha Jezabel, mulher do rei Acab (1 Rs 19), pois, lutavam contra o culto de Baal. Por aqui se vê que o desenvolvimento do fenómeno profético tem a ver com a purificação da religião de Israel, de modo a demarcar-se claramente da religião dos povos circundantes.

A atuação dos profetas tem também, em muitos casos, ressonâncias políticas. O fenómeno profético desenvolve-se quando o reino de David caminhava seriamente para a desagregação. Os profetas representam, neste caso, a solicitude do povo como povo, mesmo, ao nível, da preservação da sua organização política. Por isso, a sorte dos profetas foi, muitas vezes, desastrosa, precisamente por porem em causa os homens do poder.

A atuação dos profetas tem, sobretudo, uma conotação religiosa muito acentuada contra a religião cananea e contra a religião oficial de Israel, que, muitas vezes, protegia o poder instalado e as classes dominantes em desfavor dos pobres e dos desprotegidos (cf. Amós e as suas denúncias das injustiças sociais).

Na Bíblia, o conceito de profeta aparece também aplicado a muitas outras figuras, cujos nomes não constam da lista definitiva dos livros sagrados (ex.: Elias).

A Bíblia fala também de falsos profetas, que proferem palavras em nome de Javé, sem terem para isso recebido alguma missão: «É a mentira que estes profetas anunciam em meu nome; Eu não os enviei, não lhes ordenei nada, não lhes falei sequer. Visões de mentiras, adivinhações vãs, invenções das suas mentes, eis os que eles profetizam!» (Jr 14,14). Em nome destes falsos profetas, os verdadeiros profetas tiveram de sofrer muitas vezes (cf. 1Rs 22,24; Jr 28,1-17). O Deuteronomio fornece critérios identificativos da verdade das profecias: em primeiro lugar, a realização plena daquilo que o profeta anuncia (cf. Dt 18,21s); em segundo lugar, a fidelidade a Javé e à sua Palavra até ao martírio (cf. Dt 13,2-6).

3. O PROFETA E A SUA MISSÃO

Muitas vezes, temos ideias erradas acerca do que é um profeta, pensando que ele é um adivinho, capaz de predizer o futuro. Todavia, na Bíblia, profeta não é um astrólogo nem adivinho ou extático (como no espiritismo caracterizado por um profundo estado de emancipação da alma, onde o espírito se desprende momentaneamente do corpo físico, mantendo grande independência e percepção espiritual).

Um profeta, na Bíblia (em hebraico «nabi») é um homem carismático, inspirado e cheio do Espírito de Deus, escolhido e chamado por Deus para anunciar a sua Palavra. Tem com uma missão específica dizer e anunciar (e até denunciar) aquilo que Deus tem para comunicar. Neste sentido, o profeta não prega as suas próprias ideias, mas transmite somente e apenas a Palavra de Deus.

O profeta é um porta-voz de Deus, que ilumina os acontecimentos e a História dos Homens com a Palavra de Deus. Ele transmite a mensagem de Deus de acordo com os dotes da sua alma e da sua personalidade, da cultura, da esperança e do tempo em que vive. É assim que Amós, pastor e cultivador de sicómoros, anuncia os tempos messiânicos sob a imagem de um tempo de grande prosperidade agrícola (cf. Am 9, 11-15), mas também denunciando os exploradores dos pobres. O conteúdo da mensagem profética pode ser sintetizado em três pontos:

- Combatem o culto formalista e hipócrita da classe sacerdotal

e do povo, a idolatria, a injustiça social e a corrupção dos costumes.

- Denunciam as infidelidades à Aliança e por consequência, anunciam castigos para o povo infiel para que se converta.
- Anunciam o Amor de Deus, sempre misericordioso para com o pecador que se converte e sempre maior que o pecado.

Algumas vezes, os profetas recorrem também a gestos simbólicos para transmitirem a mensagem de Deus ou para lhe darem mais consistência. O olhar deles orienta-se dentro de uma tripla vertente:

- Olham para o passado e recordam a Aliança e as exigências desta. Esta recordação e estas exigências fazem dos profetas homens iluminadores do presente
- Denunciam a infidelidade do povo e orientam-no para opções corretas.
- São também homens do futuro: inspirados por Deus, eles aprofundam o significado da existência de Israel como Povo Eleito, abrindo-se à intervenção definitiva de Deus à Humanidade, através da vinda do Messias e da constituição de uma Nova Aliança, interior e espiritual, iniciada com a Encarnação do Filho e prolongada na dádiva do Espírito Santo.

Quando se lê os profetas, vale a pena recordar que os seus ditos eram:

- Contemporâneos – isto é, relativos ao que acontecia no seu tempo. As referências ao futuro concernem habitualmente o seu futuro, e não tanto o nosso. Algumas profecias falam de Jesus e do seu reino que há de vir. Os leitores devem estar atentos e não procurar interpretações futuristas em tudo o que leem.
- Poéticos – a poesia ajudava as pessoas a recordarem aquilo que esse dizia. Os poemas utilizavam grande quantidade de imagens /símbolos que não devem ser levados à letra.
- Compilações de textos – os textos não foram todos escritos na mesma ocasião. Nem sempre se segue uma ordem cronológica.

4. OS LIVROS PROFÉTICOS NA BÍBLIA

Os livros proféticos recebem o seu nome do facto de cada um deles aparecer encabeçado pelo nome de um profeta, o qual, podendo não ser sempre o autor de todo o texto, é, pelo menos, a figura histórica que lhe dá a sua personalidade.

No Antigo Testamento, estes profetas costumam ser divididos em grupos: "Profetas Maiores" e "Profetas Menores", segundo a sua extensão, e a importância que foi atribuída a cada um deles.

"Profetas Maiores". São Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

O livro das Lamentações aparece como uma espécie de prolongamento do livro de Jeremias, embora já não se costume traduzir o parágrafo inicial da tradução grega que o atribuía expressamente a Jeremias. Como um segundo anexo a Jeremias temos o livro profético de Baruc; faz parte dos livros "deuterocanónicos" é atribuído a um secretário de Jeremias, de nome Baruc. Isaías, Jeremias e Ezequiel são identificáveis como três figuras históricas profetas dos séculos VIII, VII e VI a.C., respetivamente, com notórias e decisivas intervenções na cena histórica, especialmente os dois primeiros.

"Profetas Menores". Alguns apresentam-se como figuras historicamente mais definidas; é o caso de Oseias, Amós, Miqueias, Ageu e outros, como Joel, Abdias, Naum, Habacuc, Sofonias e Malaquias, pouco se sabe ao certo, podendo mesmo acontecer que alguns sejam simbólicos da própria obra literária ou da respetiva mensagem.

5. PROFETAS MAIORES

5.1. O profeta JEREMIAS

Jeremias é o nome dado ao livro do profeta cuja vida melhor conhecemos, pois, a sua obra nos oferece inúmeros dados, tanto pessoais como sociais e históricos, relativos ao seu tempo. Nasceu por volta de 650 a.C., em Anatot, aldeia da tribo de Benjamim, situada a uns 5 km a nordeste de Jerusalém, de uma família de ascendência sacerdotal.

Este facto marcará de forma decisiva a sua mensagem, especialmente a vinculação às tradições provenientes das tribos do Norte e a insistência com que sublinha a importância da aliança mosaica. No que diz respeito à sua personalidade, temos diversos capítulos de carácter autobiográfico: 1; 20,1-6; 26; 28-29; 34,8-22; 36-38; 45. Mais significativos ainda são os textos chamados "confissões", em que ele testemunha, a par das suas angústias, o seu enamoramento por Deus: 11,18-12,6; 15,10-21; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-18.

Jeremias viveu num dos períodos mais conturbados da história do povo de Israel: o fim do reino de Judá e a destruição de Jerusalém (587/86) pelo império da Babilónia; e foi chamado à vocação profética ainda na sua juventude (1,6-7), no ano treze do reinado de Josias (1,2), em 626. Numa primeira época manifesta a esperança na restauração da unidade do povo, tarefa na qual se empenhara o rei Josias, através da sua reforma religiosa, com um momento forte em 622 (2 Rs 22,1-23,30), e estava centrada no movimento deuteronomista.

Com as mudanças políticas que se deram no Médio Oriente, a partir de 625, altura em que a Babilónia começou a impor-se politicamente, essa esperança foi-se esfumando pouco a pouco; e, com a morte do rei Josias às mãos do faraó Necau (em 609), fica traçado o destino do reino, devendo o profeta suportar as trágicas consequências daí resultantes.

Os dois reis que sucederam a Josias, Joaquim (609-597 a.C.) e Sedecias (597-586 a.C.), apenas adiaram por algum tempo o destino já traçado sobre Jerusalém após a morte de Josias. Podemos dizer que Jeremias se viu confrontado entre o imperativo da sua missão profética e a perseguição sistemática por parte dos seus contemporâneos, que o acusavam de estar na origem do descalabro da pátria. São deste período os oráculos mais dramáticos do livro, que refletem a experiência do profeta e a tragédia iminente que pairava sobre Jerusalém e o reino de Judá.

O livro de Jeremias teve uma composição lenta no tempo e muito complexa. De acordo com os dados do cap. 36, o profeta não escrevia; para isso tinha um "secretário" (Baruc), que registou os seus oráculos e leu-os no templo.

O rei Joaquim mandou queimar aquela que terá sido, na linguagem moderna, a primeira versão do livro do profeta; este refez os seus oráculos, acrescentando outros.

É a melhor fonte que possuímos acerca da situação política e social do seu tempo, razão pela qual tem sido objeto de inúmeros estudos, que nos possibilitam um melhor conhecimento de uma época tão conturbada da história de Israel.

5.2. O profeta ISAÍAS

O livro de ISAÍAS apresenta como título «Visão de Isaías, filho de Amós» (1,1) e aparece como o primeiro dos "Profetas posteriores", em relação aos "Profetas anteriores" (Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis). É uma obra de 66 capítulos, com três partes muito distintas na época, na temática, na inspiração literária e nos autores. Primeiro Isaías (1-39); Segundo Isaías: 40-55; Terceiro Isaías: 56-66.

Seguidamente apresenta-se uma breve introdução partindo do pressuposto de que se trata de três profetas diferentes, cujos escritos foram recolhidos sob o nome comum do profeta ISAÍAS, do séc. VIII a.C.

PRIMEIRO ISAÍAS (1,1-39,7)

O profeta dos cap. 1-39 nasceu pelo ano de 760 a.C. Era de família nobre, talvez aparentado com a família real, e homem de elevada cultura. Viveu numa época muito agitada e exerceu o seu ministério no tempo de Jotam, Acaz e Ezequias, reis de Judá.

É um profeta ligado à corte, mas não dos profetas áulicos dependente criticar os pecados dos reis, dos nobres e do povo em geral. A sua personalidade foi de tal modo forte, que a tradição funde na sua pessoa as três partes do livro que leva o nome de Isaías.

SEGUNDO ISAÍAS (40,1-55,13)

Os capítulos 40-55 constituem a segunda parte do livro de Isaías, por isso, chamado SEGUNDO ISAÍAS ou Dêutero-Isaías. A história destes poemas narrativos tem a ver com o regresso dos judeus

depois do cativeiro da Babilónia. O profeta a quem chamamos SEGUNDO ISAÍAS exerce o seu ministério profético durante a última parte do exílio babilónico, exortando os judeus a não desanimarem. Para isso, apresenta o Deus-Javé, criador do Céu e da terra, Senhor da vida e da História, como o único Deus; diante dele, todos os deuses babilónicos, a começar por Marduc, nada são e nada valem.

TERCEIRO ISAÍAS (56,1–66,24)

Tal como nada sabemos do chamado Segundo Isaías, também nada sabemos do chamado Trito-Isaías, para além deste texto bíblico.

5.3. O profeta DANIEL

O livro de Daniel está dividido em duas partes:

- Capítulos 1 a 6: material histórico, que narra a história de Daniel, um jovem exilado na Babilónia durante a primeira deportação de Judá (605 a.C.), o qual conseguiu uma posição devido à sabedoria recebida de Deus e à capacidade de interpretar os sonhos. Lemos que, embora tivesse muitos adversários foi metido na cova dos leões e os seus amigos foram lançados numa fornalha -, Deus protegeu-o sempre. A Bíblia dá grande destaque à recusa de Daniel em aderir a pactos e à sua determinação de encontrar uma alternativa praticável agradável a Deus, demonstrando que é possível permanecer-lhe fiel e ser, de algum modo, uma bênção para um mundo sem Deus.
- Capítulos 7 a 12: material apocalíptico (Revelação), que revela o futuro através de imagens simbólicas e sublinha a convicção de que, o que quer que aconteça, é Deus que detém o domínio, por isso, salvará o seu povo. As imagens apocalípticas parecem estranhas nos dias de hoje, mas eram muito bem compreendidas no tempo da Bíblia. Por isso, as tentativas de as interpretar devem ser feitas no contexto daquilo que podiam significar para os leitores originários do Antigo Testamento. Uma aproximação diferente conduziu a bizarras

interpretações de Daniel a propósito do futuro. Daniel nunca regressou a Judá. Durante cerca de setenta anos esteve ao serviço de vários reis e morreu na Babilónia, provavelmente na casa dos noventa anos.

Nota importante: as profecias apocalípticas apresentam cinco características fundamentais:

1. Leitura pessimista do poder político vigente
2. Mistura de planos (o plano terreno: histórico e o plano divino)
3. Resultam de visões, um modo de “ver tudo”
4. Recorrem à simbologia
5. Contém referência aos “bons guias”, os anjos

6. PROFETAS MENORES

6.1. O profeta SOFONIAS

Jeremias não era o único a proclamar a mensagem de Deus, naquele período. Também Sofonias e Naum profetizaram durante o reinado de Josias, falando ambos do iminente castigo divino.

A genealogia de 1,1 é extraordinariamente completa, comparada com a dos outros profetas: por ela remonta-se até Ezequias, que poderia ser o rei de Judá que governou de 727 a 698 a.C. Se assim fosse, Sofonias seria de ascendência real. Mas esta identificação não é segura. As referências a Jerusalém e o conhecimento que revela das diversas partes da cidade (1,10-11) parecem confirmar que o profeta era de Judá e atuou em Jerusalém durante o reinado de Josias (640-609 a.C.).

Recordemos: no reinado de Josias, Judá estava sujeito à Assíria havia quase um século, quando Acáz pediu ajuda a Tiglat-Piléser III contra Damasco e a Samaria, em 734 a.C.

Durante o longo reinado de Manasses (698-643 a.C.), o jugo assírio pesou sobre Judá e as influências estrangeiras penetraram em todo o lado, tanto nos costumes como nas práticas religiosas. Em 2 Rs 21,3-9 é narrada a introdução de cultos estrangeiros: reconstrução dos lugares altos, altares a Baal, prática de adivinhação e magia e outros cultos idolátricos.

Quando o rei Josias subiu ao trono, Judá necessitava de uma série de reformas, tanto no plano social e político como no plano religioso. Sofonias deve ter dado um impulso a estas reformas, pois denuncia a introdução de costumes estrangeiros (1,8), o sincretismo religioso (1,4-5), a violência dos poderosos (1,8.11; 3,3), os príncipes, os juizes, os profetas e os sacerdotes (3,3-4). A reforma que Josias empreendeu, ao descobrir o Livro da Lei (622 a.C.), teve principalmente em vista o plano religioso e, nessa altura, consultou um profeta a propósito do conteúdo do Livro (2 Rs 22). Esse profeta não foi Sofonias, que provavelmente já teria morrido. Tudo isto faz supor que a sua atividade se tenha desenvolvido entre 640 e 630 a.C., alertando para a necessidade das reformas.

6.2. O livro de ESTER

Ester - um dos três únicos livros que tomam o nome de uma mulher (outros são Rute e Judite) - conta como uma órfã judia, no exílio, se tornou rainha da Pérsia e fez gorar uma conspiração que pretendia exterminar os Judeus, a última tentativa deste género no tempo do Antigo Testamento. A história, passada em Susa, capital real de Inverno, começa com o rei Xerxes 1 (486-465 a.C.) a repudiar a mulher num excesso de cólera (capítulo 1). Um concurso de beleza para encontrar uma substituta termina com Ester a tornar-se rainha, não obstante o facto de Xerxes ignorar que ela é judia (capítulo 2). Quatro anos mais tarde, Haman - primeiro ministro do rei - decide fazer uma limpeza étnica da Pérsia após Mardoqueu, um judeu, se ter recusado a reverenciá-lo da forma que ele entendia que devia ser (capítulo 3). Mardoqueu, que tinha adotado Ester, pede-lhe para intervir dizendo que talvez tenha sido essa a razão pela qual o próprio Deus a fez rainha (capítulo 4). A seguir a uma série de acontecimentos, Haman é enforcado no patíbulo que tinha mandado preparar para Mardoqueu (capítulos 5-7). O seu cargo é confiado ao próprio Mardoqueu, que promulga, de imediato um édito permitindo aos Judeus defenderem-se. O holocausto é evitado e faz-se uma grande festa (capítulos 8-9) ainda hoje celebrada entre os judeus: a festa de "Purim" ou das "sortes".